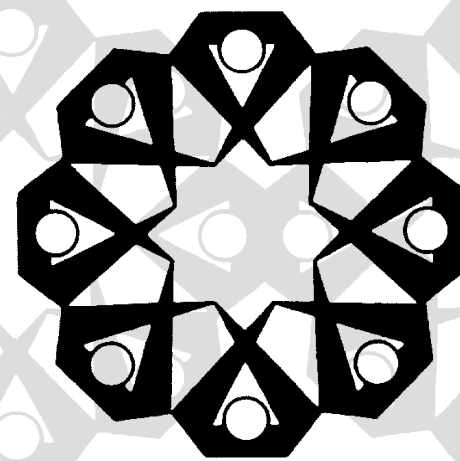


BALADA DA UNIÃO



APROVADO PARA
CTI A UNIDADE EM
ENVIADO NOTÍCIAS DE
CUIABÁ Nº 2162/97 R.C.A.

PORTUGAL
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
3720 VILA DE CUCULARES
TAXA PAGA

PROPRIEDADE: CONVÍVIOS FRATERNOS • DIRECTOR E REDACTOR: P. VALENTE DE MATOS • FOTOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: CORAZE - S. T. RIBA-UL - O. AZEMÉIS • TEL. 256 661460
PUBLICAÇÃO BIMESTRAL - DEP. LEGAL Nº 6711/93 - ANO XXXII - Nº 303 - JULHO/AGOSTO 2010 • ASSINATURA ANUAL: 10 € • TIRAGEM: 10.000 EXS. • PREÇO: 1 €

BENTO XVI E A JUVENTUDE PORTUGUESA

O Papa não desiludiu a juventude portuguesa. Ele veio para suscitar sonhos em nós. Ele sabe que só o amor é digno de fé e conhece os caminhos da verdade que podem conduzir a juventude, na valentia das decisões definitivas à prática da caridade. O Papa não entende o serviço da Igreja à juventude como uma experiência emocional, generosa, desenraizada da erudição, da beleza e da inteligência, das exigências e da criatividade da fé.

(Continua na pág. 4 BU)

A HUMANIDADE E AS REDES SOCIAIS

A sociedade actual cheia de tecnologias de informação e comunicação promove encontros de uma realidade muito virtual, em que se fazem muitos amigos mas poucos são de confiança, já que a maioria esmagadora é mesmo virtual.

(Continua na pág. 4 JA)

A PAZ

Nós, os cristãos, somos chamados a levar a paz do Ressuscitado aos demais nossos irmãos que não O conhecem, visto que precisam de O conhecer porque só Ele pode dar uma paz verdadeira. Só Cristo pode dizer com autoridade: “a paz esteja convosco”... “a paz seja convosco!” (Jo 20, 19.26)

(Continua na pág. 4 JA)

NÃO DESPERDIÇAR O TEMPO VALIOSO

Ainda é tempo de admirar as flores que estão inteiras ao nosso redor. Ainda é tempo de voltarmos-nos para Deus e agradecer a vida, que mesmo efêmera, ainda está em nós. Pensemos! Nada de desperdiçar tempo valioso!

(Continua na pág. 3 JA)

SER JOVEM HOJE... É DIFÍCIL

A juventude sendo a época mais bela da vida de uma pessoa, pode ser também, quando não sadicamente vivida, a mais conturbada e difícil. Não é fácil hoje viver essa época da vida.

(Continua na pág. 2 BU)



XXXVII ENCONTRO NACIONAL DOS CONVÍVIOS FRATERNOS Fátima - dias 11 e 12 de Setembro

Mais uma vez se reunirão em Fátima alguns milhares de jovens para, enquadrados no XXXVII Convívio - Animação dos Convívios-Fraternos, louvarem a Deus, por sua Mãe, Maria Santíssima, e partilharem com os outros a sua fé, a alegria dum a juventude marcada pela Boa Nova de Jesus Cristo e a certeza admirável de “ser jovem”.



DIÁLOGO ENTRE TODOS OS CRENTES

Que toda a tendência para o fundamentalismo e o extremismo seja contraposta pelo respeito, pela tolerância e pelo diálogo entre todos os crentes.

(Continua na pág. 4 JA)

O MEU AVIVAR DE COMPROMISSO

“O apostolado individual que deriva com abundância da fonte de uma vida Verdaderamente cristã, é origem e condição de todo o apostolado dos leigos, mesmo do associado, nem nada o pode substituir. A tal apostolado, sempre e em toda a parte proveitoso, e em certas circunstâncias o única possível e conveniente, são chamados e, por isso, obrigados todos os leigos, de qualquer condição, ainda que se lhes não proporcione ocasião ou possibilidade de cooperar nas associações.

(Paulo VI, Exort. Past. Evangelii Anuntiandi, nº 41)

TESTEMUNHAS DO AMOR DE DEUS

Que os cristãos perseguidos por causa do Evangelho, inspirados pelo Espírito Santo, perseverem no fiel testemunho do amor de Deus por toda a humanidade.

(Continua na pág. 4 JA)

“REPARTE COM ALEGRIA”



Mais que uma simples frase, “reparta com alegria” é, ou deveria ser, um dos maiores lemas dos cristãos. Repartir, partir pelos outros, dar sem receber, entregar, tudo com alegria, com sinceridade com coração puro.

(Continua na pág. 2 BU)

VALORIZAR A VIDA E MISSÃO DAS MULHERES

Mentiras muito convenientes espalham-se com a facilidade do pó, em dias quentes, ventosos e secos. Colam-se à inteligência como o pó se agarra à roupa e acabam a fazer parte dos discursos, dos slogans, das ideias feitas, alimento de quem gasta pouco tempo a pensar.

(Continua na pág. 3 BU)

AS AMEAÇAS DA VIDA HUMANA – “QUE FIZESTE?”

“Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da Terra por Mim” (Gn 4,10). A pergunta de ontem é a mesma de hoje. “Que fizeste?” Se no passado Caim não conseguiu esquivar-se, também hoje, o mundo contemporâneo, não consegue fugir à mesma responsabilidade.

(Continua na pág. 3 BU)

“O MUNDO PRECISA DA CRUZ”, AFIRMA BENTO XVI

A cruz, fala da esperança, fala de amor, fala da vitória da não - violência sobre a opressão, fala de Deus que exalta os humildes, dá força aos frágeis, faz superar as divisões e vencer o ódio com o amor!

(Continua na pág. 4 BU)

PASSO A REZAR NA NET



Convidados que somos a viver mais um Verão, mais umas merecidas férias, nada melhor do que arranjarmos formas de fazermos algo de diferente. Assim, sugere-se uma visita ao sítio criado no dia 17 de Fevereiro, pelo Apostolado da Oração, que se denomina “passo-a-rezar.net”.

(Continua na pág. 4 BU)

“REPARTE COM ALEGRIA”

Repartir com alegria como? O quê?

Numa sociedade cada vez mais dominada pelo ego que leva ao individualismo, ao bem-estar pessoal numa ilusão aparente de “felicidade”, a partilha e o repartir com os outros, vão-se perdendo, dando lugar ao “vender”, ao interesse, ao que dá lucro material ou humano. Talvez por isso, no meio deste “egoísmo dissimulado”, em vez de alegria, cada vez se sintam mais tristeza, mais desumanidade, mais solidão, mais, mais...

A mensagem do próprio Jesus leva-nos a meditar neste sentido da partilha. “Amai-vos uns aos outros”, não é mais do que esse repartir de mim pelo outro, por muitos outros que rodeiam a minha vida. É o dar-mo-nos sem reservas, recebendo apenas a alegria desta entrega, a alegria do amor. A gratuidade é um dos mais belos dons do verdadeiro amor, e é esse que deve fazer brilhar em nós a luz da verdadeira alegria.

Cada vez se vê menos esse repartir. O repartir da vida, do nosso tempo com o irmão, com os filhos, no casal, com os pais... o repartir de tempo para a construção de uma sociedade melhor, mais justa, mais fraterna...

o repartir do amor, o repartir desse mesmo Jesus que conhecemos e sentimos, mas que muitos não reconhecem e não o vêem. Talvez devamos até repartir, ou melhor, entregar-Lhe a Ele a nossa própria vida, as nossas acções, para que através de nós Ele se faça ver, se faça sentir, e mais uma vez se torne a repartir na alegria do outro.

Pois o verdadeiro mistério do amor é o tornar-se tanto maior quanto mais se divide e se reparte por todos. Assim, a nossa vida deve ser marcada pela presença desse Deus-Amor, sendo repartida pelos outros em gestos de bondade, de carinho, de serviço, de missão...

A nossa peregrinação anual em Fátima é pois momento para reflectir sobre este dom da partilha. Que sintamos a verdadeira alegria no repartir dos nossos dons, naquilo que cada um de nós tem e é, para que sejamos mais que um agrupamento de cores no santuário para que sejamos um arco-íris vivo, alegre e em “Movimento” Fraterno nesta terra de peregrinação.

Hugo Cravo

XXXVII ENCONTRO NACIONAL DOS CONVÍVIOS FRATERNOS EM FÁTIMA NOS DIAS 11 E 12 DE SETEMBRO

É ao mesmo tempo encontro de “acção de graças” por os nossos estatutos terem sido aprovados pela Conferência Episcopal.

O nosso movimento, como meio de Evangelização, tem chamado para Cristo milhares de jovens e sempre foram um movimento juvenil estando em sintonia com a hierarquia da Igreja.

E é motivo de alegria que essa acção de graças, ao fim de cada ano de actividades apostólicas do movimento, seja feita em Fátima, nesse lugar de perdão e por isso também de amor, em que nossa Senhora se revelou aos 3 pastorinhos pedindo conversão através da penitência e da oração.

E este facto é tanto mais relevante para cada um de nós jovens do movimento, quanto sabemos que todos os convívios que se realizam invocam Maria, como sua protectora, sua mestra e “Senhora do SIM”.

Ela, em cada curso que se realiza, na intimidade amorosa de Jesus Cristo, está sempre presente como acontecia no Lar de Nazaré.

É por isso que os jovens dos Convívios-Fraternos têm também devoção e um carinho muito especiais por Nossa Senhora. Foi por Ela que receberam Jesus.

Também, por essa razão, em todos os convívios, é-lhe dirigida esta prece carinhosa e filial:

“Os jovens deste Convívio - Fraterno A Ti se entregam

Rogai por nós, Maria:

Aguardamos pois, a presença de alguns milhares de jovens neste Convívio - Animação, em Fátima. Preside à nossa peregrinação D. Serafim, Bispo Emérito de Fátima.

HORÁRIO DOS ACTOS DA PEREGRINAÇÃO

Dia 11 de Setembro

14H30 – Acolhimento dos Peregrinos no Centro Apostólico Paulo VI

14H45 – Celebração da Penitência Colectiva e individual no anfiteatro

16H45 – Concentração dos Convívios na Esplanada em frente da Basílica da Santíssima Trindade

17H00 – Celebração da Palavra e Saudação a Nossa Senhora na Capela das Aparições

17H45 – Celebração por dioceses nos locais próprios

21H15 – Terço e Procissão de velas na esplanada

22H15 – Sarau “Festa da Música” no Anfiteatro do Centro Paulo VI

Dia 12 de Setembro

10H15 – Terço do Rosário, Eucaristia e Procissão do Adeus na Esplanada

14H00 – Festa da Despedida no Parque n.º 2

SER JOVEM HOJE... É DIFÍCIL

A juventude sendo a época mais bela da vida de uma pessoa, pode ser também, quando não sadicamente vivida, a mais conturbada e difícil. Não é fácil hoje viver essa época da vida.

Continuam a ser extraordinariamente belas e esperançosas as qualidades que ornaram a vida de um jovem: a sua generosidade, disponibilidade, alegria, sensibilidade para os problemas de injustiça e opressão, desejo forte de construir uma so-



ciiedade mais justa, mais humana e mais fraterna, etc, etc... Todavia esta sociedade de consumo em que vivemos minou os verdadeiros valores da juventude para conseguir seus apetites fáceis de lucro e destruiu nela os valores, sobretudo morais, por que se pautou durante muitas décadas.

Infelizmente hoje muitos jovens marcam essa época bela da sua vida por sentimentos de anarquia que defendem com “unhas e dentes” como sendo as marcas de projecção de um jovem moderno.

Assim muitos jovens julgam que ser jovem actual e moderno é ser anárquico, desrespeitador da autoridade sobretudo dos pais, levar uma vida moral libertina, ser exigente e indelicado, usar por sistema o calão, passar as noites em orgias, ter muito dinheiro para gastar, não trabalhar, entrar no mundo das drogas etc, etc.

Hoje é tal a anarquia moral e a falta de sentimentos nobres a que se chegou que, a maior parte dos jovens têm “vergonha” de dizer que são virgens e mesmo sendo-o – felizmente muitos há que vivem esse ideal, - negam-no publicamente com medo de ser ridicularizados, os que vivem no respeito e obediência paterna tentam camuflar essa situação para não serem julgados meninos do “papá ou da mamã”, os que não passam as noites sistematicamente em discotecas e outros lugares de orgias, escondem a sua situação para não serem julgados ultrapassados; os que nas suas relações sociais não vivem à base do calão e da conversa brutesca, são marginalizados, etc. E de tal maneira este conceito de jovem moderno se apoderou até dos adultos, que há muitos pais que desejam que sejam assim os seus filhos e, quando aparece um jovem que pauta a sua conduta pelos verdadeiros valores morais da delicadeza, do respeito, da obediência etc, é fácil ouvir-lhes dizer e aos adultos: “nem parece um jovem de hoje... hoje já não se encontram jovens destes”!... os jo-

vens de hoje de tal maneira são atirados para uma vida fácil e sem leis, que se torna difícil controlarem os seus instintos e vencerem as tentações. Do relacionamento afectivo entre rapazes e raparigas hoje faz parte normal o relacionamento sexual, e os pais pouco se preocupam com que tal aconteça, se não são eles próprios a criarem situações a isso favoráveis. Geralmente os pais proporcionam aos filhos – até porque a maioria dos lares só tem um ou dois filhos – tudo o que de material eles desejam.

Criados assim num ambiente fácil, sem compromissos, sem leis morais, sem princípios educacionais, muitos jovens, depois de gozarem a vida à sua maneira e de qualquer maneira, começam a sentir a desilusão da vida, o vazio existencial e muitas vezes levam a sua aventura até às últimas consequências, até mergulhar no mundo da droga, para esquecer seus problemas, para mais facilmente alcançar situações de prazer sensível.

E assim entramos num mundo de jovens desorientados que não encontram sentido para a vida e que levam a aventura do prazer até às últimas consequências, até à sua destruição. Só quando tal acontece é que os pais se apercebem do drama que causaram a seus filhos e só então “com muita dificuldade e quase sempre impotência”, tentam mudar sua conduta num esforço desesperado de os salvar. Geralmente é sempre já tarde demais.

Por isso é que nós os jovens, conscientes desta



situação para que nos continuem a empurrar, temos que tomar consciência das nossas responsabilidades no mundo de hoje, e não nos deixarmos com facilidade continuar a envolver nas teias da destruição que os adultos nos prepararam. Temos que tomar consciência que as nossas vidas e as nossas potencialidades são fundamentais para a mudança da sociedade de amanhã e que, se nos deixarmos continuar a destruir em todos estes antros de vício que a sociedade nos oferece, teremos o mundo de amanhã muito pior do que o de hoje.

Nós os jovens mais responsáveis, temos que tomar consciência deste estado de coisas e lançarmos a todos os jovens um grito de ALERTA: JOVENS ACORDEMOS JÁ, ENQUANTO NÃO É TARDE, PARA AS REALIDADES DAS NOSSAS VIDAS E NÃO NOS DEIXEMOS MAIS DESTRUIR.

António do 250 CF - Porto

Jovens em Alerta



www.conviviosfraternos.com

SUPLEMENTO DO BALADA DA UNIÃO Nº 76 • JULHO/AGOSTO/10 • PROPRIEDADE DA COMUNIDADE TERAPÊUTICA • N.I.P.C. 503298689

PERCURSO DA MINHA VIDA DAS TREVAS À LUZ

Nasci numa aldeia que pertence a Vila Real de Trás dos Montes. Tenho mais 9 irmãos e todos fomos criados com muitas dificuldades pelos meus pais que eram pessoas muito boas e humildes, que muitas vezes passavam dificuldades para nos dar a nós o que não tinham, para que todos pudéssemos estudar.

A mim como era o mais novo e porque os meus irmãos já me podiam ajudar, deram-me liberdade para que eu estudasse e assim foi até ao segundo ciclo, perdendo apenas um ano. Pelo que os professores me diziam, tinha boas capacidades de aprendizagem. Praticamente não estudava e conseguia passar sempre embora pela nota mínima.

Em determinada altura estava numa aula e vieram dizer-me que meu pai tinha ido para o hospital com uma trombose onde esteve durante um mês em coma. Foi a partir desse momento que muita coisa mudou na minha vida. A minha mãe e meus irmãos não saiam do hospital, sempre a chorar. O meu pai acabou por morrer no dia de Natal. A minha mãe passou-se das ideias e praticamente durante dois meses, nem sequer conhecer os filhos. Felizmente isso passou, ela voltou ao normal, mas nunca mais as coisas foram iguais.

Ainda estávamos cinco filhos ao seu encargo e eu tinha apenas treze anos. Ainda não compreendia muito bem o que se passava mas lá fui vivendo e voltei para a escola mas desorientei-me completamente. Comecei a faltar às aulas, a andar com colegas mais velhos, a sair com eles. Comecei também a fumar cigarros e a tirar dinheiro à minha mãe e depressa comecei a fumar Haxixe, embora não gostasse muito. Para poder acompanhar com os mais velhos ia fumando e até à heroína chegar foi muito rápido.

Foi então que deixei de estudar e fui trabalhar para um restaurante, uma churrascaria, como servente de mesa. Adaptei-me com facilidade ao serviço e, embora me dessem muitas gorjetas porque era muito novo e tentava ser agradável com as pessoas que ser-

via, comecei também não entregar o dinheiro todo que recebia dos clientes e assim fui juntando dinheiro com que comprei uma mota. Continuei a drogar-me, embora menos. Porque não tinha carta de condução de mota, meus irmãos tentaram tirar-ma, mas nunca deixei. Entretanto porque o patrão detectou os frutos de dinheiro, despediu-me. Foi então que comecei a criar os problemas em casa. Perdi o trabalho mas fui trabalhar para outro lado como vendedor de gás.

Viciado na heroína, comecei também a roubar, vendi a mota e comprei um carro, também sem carta. Saí de casa, mais uma vez perdi o trabalho e assim

fui vivendo na rua. Passado algum tempo fui para casa dum irmão onde fui recebido e me comprometi a nunca mais me drogar mas, ao fim de dois meses não resisti e comecei novamente a mentir, a faltar ao trabalho. Tinham-me

colocado agora num super mercado. Mas mais uma vez tinha falhado. Como sempre, fui novamente para casa de minha mãe, perdi a namorada que já tinha três anos, carro, trabalho, tudo.

Eu próprio não acreditava que poderia libertar-me do vício em que me tinha metido. Estava só. É certo que talvez cada um de nós seja o menos culpado pelo desvio que aconteceu nas nossas vidas. Muitos de nós fomos vítimas da sociedade de consumo. Eu acredito que fui uma delas.

Em determinada altura dois irmãos meus propuseram-me um tratamento prolongado. Aceitei embora eu próprio pensando que era mais um. Assim fui para uma comunidade onde estavam mais vinte residentes. Com o decorrer do tempo fui-me apercebendo de que, como eu, haviam muitos jovens uns piores, outros melhores. Comecei a pensar que ainda podia ser alguém, até porque ainda era novo. Assim foi, pouco a pouco, mês, a mês, ano a ano, comecei a conquistar a família. Entretanto passei para a II

fase de tratamento e comecei a minha recuperação social e profissional, tendo sido colocado a trabalhar primeiro num talho, em Avanca. Não me adaptando bem ao trabalho nesse talho, a seguir passei a trabalhar no talho do Intermarché de Ovar durante 1 ano e, seguidamente, fui convidado e escolhido para o Intermarché de Arrifana como chefe do talho onde conheci a minha mulher começando, então o meu namoro... Ao fim de ano e meio, fui convidado para vir exercer o trabalho de monitor na comunidade de Santa Luzia onde me tratei. Fiquei felicíssimo por esse convite, pois, para mim era extraordinariamente gratificante eu, agora, com os meus conselhos e com o testemunho da minha saída da droga, ajudar também os outros os dela se libertarem. Adaptei-me bem a este trabalho que ainda hoje adoro. Entretanto casei-me e tive a felicidade de ter um filho maravilhoso, que já tem 5 anos.

Já passaram depois que deixei as drogas 14 anos e tenho vivido uma grande felicidade, palavra que não conhecia. Hoje se alguém me diz que não é feliz ou nunca foi, sei compreender tal afirmação, tantas vezes a procurei nos piores caminhos de miséria e destruição. Hoje sei que sem uma boa formação moral católica, é difícil encontrar a verdadeira felicidade. Sei que faço muitas vezes aquilo que não devo mas sei também que todos os dias luto para mudar.

Perdi também minha mãe mas sei que ela me perdoou, porque os pais perdoam sempre os filhos. Hoje sou pai e sinto o amor que tenho pelo meu filho e sei o amor que minha mãe me tinha. Nunca me abandonou. Quando eu já tinha desistido, de me tratar ela não. Se hoje sou alguém é graças a ela. Sei que nestes anos em que ainda vivi com ela e eu já estava bem a fiz chorar muito, mas desta vez era de alegria. Sei que neste drama há alguém que sofre mais que cada um de nós, os nossos pais.

A mim agora só me resta os irmãos e é tão gratificante conviver com eles, sorrir confiantemente para eles e eles para mim, sem desconfianças uns dos outros como outrora. Como valeu a pena todo o sacrifício e esforço que eu fiz para hoje ser verdadeiramente feliz. É difícil imaginar a tristeza que sinto ao encontrar jovens que já se libertaram das drogas e infelizmente recaíram por falta de força de vontade recaíram na mesma escravidão. Hoje como sofro só em imaginar que algum dia possa perder esta felicidade e esta paz que hoje sinto.

I. Nóbrega

SER CONVIVA

Ser conviva é dar esperança
Àqueles que não a tem
Amarmo-nos uns aos outros
Vivendo a fazer o bem.

Consolar os que são tristes
Dar-lhes carinho e amor
Ajudar os que precisam
Fazer um mundo melhor.

Paz e amor no nosso lar
Com a graça do Senhor
Vivermos o dia a dia
Unidos no Seu Amor.

Vamos todos dar as mãos
Esta é a nossa herança
Somos Convivas Fraternos
Do amor e da esperança

Vamos seguir com rigor
Os passos que Cristo deu
Fazer a Sua vontade
Para alcançarmos o Céu.

Pedir à Virgem Maria
Que nos ajude também
É a Santa Mãe de Cristo
E também é nossa Mãe.

Somos o Povo de Deus
O nosso Deus nos proteja
Reunidos no Amor de Cristo
Renovamos a Sua Igreja.

Dioguina Pinho (C.F. 32 casais)

AMIZADE

Começa por A, mas não é agressão
Nem sequer significa solidão.
Também não é amor
Mas uma coisa muito melhor
E que qualquer um pode oferecer.
Para isso basta sorrir,
Não ofender,
Tentar compreender e dar o seu perdão
A algo que pense ter sido feito sem razão.
Significa conversar, abrir-se totalmente,
E dar a conhecer o seu verdadeiro Eu.
Significa estar contente
Sempre que alguém o está.
Mas se a alegria falta,
Significa tentar saber porquê?
Então a mente não terá outra razão em que pensar.
Para conseguir ajudar.
Significa estar sempre presente,
Sentir o que o outro sente?
Dar um significado ao que o outro diz.
E até morrer, para o fazer feliz.
Significa uma vida de felicidade.
Mas para que signifique tudo isto
É necessário que na realidade
Se sinta uma grande Amizade.

*Fátima Braga
C.F.275 - Macieira de Cambra*

BALADA DA UNIÃO

Para todos os convivas que manifestaram desejo de receber o Balada da União, ele tem sido enviado regularmente.

Para todos os seus leitores que desejem colaborar economicamente para as despesas com a sua publicação, segue neste número, um impresso de vale de correio para facilitar o envio da oferta.

CONVÍVIOS RUMO AO FUTURO

Publicamos o número dos últimos convívios realizados:

NOS DIAS 23, 24 E 25 DE JULHO 2010

1129 – Na CASA PAROQUIAL de Valpaços, para jovens da diocese de Vila Real

NOS DIAS 30 E 31 DE JULHO E 1 DE AGOSTO 2010

1130 – Na CASA DO CLERO, em Cabeça Gorda, para jovens da diocese de Bragança

NOS DIAS 5, 6 E 7 DE AGOSTO DE 2010

1131 – Em EIROL, Aveiro, para jovens da Zona Pastoral Sul da diocese do Porto

Porto

ENRIQUECEDOR AMOR DO PAI...



Convívio-Fraterno n.º 1131 da Zona Sul da diocese do Porto

Muitas vezes, o nosso dia a dia é um comboio de sensações que acelera fugazmente sem darmos conta, e sobre o qual não conseguimos mediar a velocidade, nem definir as paragens necessárias. A vida é, pois, um conjunto de vivências que existem, porque têm de existir... arrastando-nos para determinados contextos sem sabermos bem o porquê. A incerteza faz-nos “frios”, indiferentes, individualistas, egocêntricos... centramo-nos em nós, nas nossas pequenas coisas, nas coisas fúteis... andamos de olhos fechados para os outros e, conseqüentemente, de olhos fechados para nós mesmos.

Foi saindo deste quotidiano que 37 Jovens da parte Sul da Diocese do Porto desafiaram as suas próprias crenças de veraneio, resolvendo preencher alguns dias das suas vidas com uma experiência ousada e, por vezes, vista como descabida aos olhos de muitos jovens da sua idade: viver uma experiência única de amor com Deus. Uma experiência de descoberta e redescoberta Daquele que guia a nossa vida, e para O qual nem sempre temos tempo.

Impelidos nesse espírito fizeram as suas malas e rumaram a Eírol para realizarem o seu convívio fraterno. Estava, então, dado o primeiro passo para o CF 1131.

Como tantos outros, aquando da chegada, também estes jovens transpareciam a saturação das palavras do mundo. Palavras e conselhos inoportunos que levam ao desespero, ao sofrimento, à destruição... que magoam e causam solidão, que são falsos para os problemas verdadeiros.

A pouco e pouco, e com o evoluir do CF, essas palavras, os receios demonstrados, grande parte das incertezas, alguns dos medos e dúvidas com que estavam confrontados inicialmente foram, como que, desaparecendo e os jovens deixaram-se interpelar pelo grande amor de Deus. A confiança foi aparecendo, abrindo os corações dos presentes ao diálogo fraterno, à reflexão construtiva, à introspecção e procura incessante desse grande ideal: Jesus Cristo. A intensidade dos dias foi aumentando e a proximidade entre to-

dos, também. O ambiente proporcionou o saciar das Suas palavras, e dos Seus ensinamentos...

Foi, então, evidente o surgimento dos sorrisos e o brilho nos olhos de todos... a alegria de se terem (re)encontrado, e de terem uma nova perspectiva de rumo para as suas vidas: Jesus Cristo. Esse Jesus que marca, definitivamente, a vida de quem se encontra com Ele.

À semelhança de todos os outros convívios, esta experiência de vivência e convivência fraterna culminou com o Encerramento. Numa noite quente de Agosto foi gratificante verificar a presença de convivas, familiares e amigos que dispuseram o espaço de uma forma bastante acolhedora.

Imbuídos de uma grande serenidade, os jovens procuraram transmitir toda a sua alegria através dos seus relatos, do entoar de cânticos e da partilha de pequenas representações. Ficava, assim, demonstrada a sua felicidade na vivência da Fé. Foi um momento importante de partilha com todos aqueles que também já viveram esta experiência. Foi, também, importante e gratificante o testemunho deixado por aqueles que já há alguns anos realizaram o seu convívio fraterno. As palavras ponderadas, discernidas e experientes destes são sempre bastante reconfortantes para todos nós, principalmente, nestes momentos de grande entusiasmo e euforia.

Foi muito boa esta paragem nas nossas vidas! Estamos convictos que foram dias que nunca mais esqueceremos e que mudaram, em definitivo, as nossas vidas. Abrimos a porta do nosso coração a Cristo para que possa habitar em cada um de nós.

No final, por entre lágrimas e sorrisos, de dias marcantes na vida destes jovens, ficou o compromisso de continuar a viver intensamente o 4º dia e de repetir a sua presença daqui a 3 meses.

Leva o Amor de Cristo aos corações dos homens. Cristo conta contigo.

*P'la equipa Coordenadora
Tiago*

A SABEDORIA DO QUARTO DIA: NO TEU QUARTO, UM QUARTO DE HORA DE ORAÇÃO

Estive presente no encerramento do Convívio Fraterno que se realizou em Cortegaça para a diocese do Porto. Neste encerramento, como em todos, debate-se os problemas e as ansiedades de um quarto dia, que nem sempre poderá ser fácil.

A experiência dos 3 dias de Convívio Fraterno cria laços e uma alegria muito grande em que as pessoas se sentem por vezes com receio de voltar às situações de vida, por vezes complicadas, que deixaram para trás. Ao longo do convívio fraterno as pessoas vão fazendo encontro com os outros, consigo mesmos e com Deus que seduz o coração de cada interveniente, fazendo o convite que fez ao Zaqueu... “Hoje quero ficar em tua casa”. Jesus deseja habitar o coração de cada um de nós e nele criar um templo do seu amor, para tal, a opção é de cada um que poderá aceitar ou recusar o convite, é a plena liberdade do ser humano. Ao aceitarmos o convite comprometemo-nos com Ele, connosco e com os outros.

Quando lemos e saboreamos os evangelhos podemos retirar alguns ensinamentos. Ao ler o

capítulo 6 de S. Mateus desfrutamos uma passagem que nos fala da oração do “Pai Nosso” “Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensarte (Mt 6, 6). Após esta introdução o evangelista transcreve a oração do Pai-Nosso. Que leitura admirável! Quando rezares entra no teu quarto, na tua mais profunda intimidade, aí encontrarás o Pai, não há aí nem vaidades, nem ódios, nem segredos, nem orgulhos, nem preconceitos, será cada ser humano despojado de tudo, em paz, em oração, em intimidade. Das fraquezas se farão forças e crescerá a fé!

O projecto de felicidade do quarto dia passará certamente pelo “teu quarto”, em que possas oferecer um quarto de hora (se possível todos os dias) de oração e de intimidade ao nosso Bom Deus, dono de todos os nossos “quartos de hora”.

António Silva

ENCERRAMENTO DAS ACTIVIDADES DOS CASAIS CONVIVAS DE CUCUJÃES



Todos os anos os casais convivas de Cucujães fazem o encerramento das actividades numa quinta de um casal conviva que para o efeito põe à disposição do núcleo.

Este ano decorreu no fim de semana de 17 e 18 de Julho. O início do encontro deu-se ao fim da tarde, do dia 17, com a chegada dos casais e respectivos filhos. Munidos de tendas de campismo há que pôr mãos à obra e montá-las. A alegria, a boa disposição e o entusiasmo estavam estampadas nos rostos dos participantes, pois o encontro prometia. O jantar foi agradável, pois a comida estava mesmo à medida.

A noite foi de diversão, mais ou menos até à meia noite, onde todos puderam dar asas à sua

imaginação desde canções, mímicas, imitações... Após esta diversão souo a ordem para fazer silêncio que se prolongou até aparecer os primeiros raios de sol.

Iniciou-se o dia com a oração da manhã e reflexão que se prolongou até ao almoço e, após este, era hora de uma pequena sesta que soube a pouco, pois os casais mais novos começaram por fazer um convívio entre todos.

Foi com muita pena que ao fim da tarde tivemos de regressar às nossas casas, o dia seguinte era de trabalho, mas valeu a pena. Todos partiram com saudades com a esperança de que para o próximo ano há mais.

Casais Convivas de Cucujães

Vila Real

COMEMOS O MESMO PÃO



Convívio-Fraterno n.º 1129 da diocese de Vila Real

Estávamos a 22 de Julho, quase às portas de um fim-de-semana de Verão, em que os jovens são “bombardeados” com inúmeras actividades, festas, passeios, etc...

Mas, 9 jovens vindos de diversos pontos da Diocese resolveram deixar tudo para trás e embarcar na aventura de um Convívio Fraterno.

E se no dia de chegada era visível nas suas caras muita desconfiança, muita expectativa, muitas dúvidas, à medida que os dias foram passando estes rostos foram-se transformando e rapidamente havia neles expressões de alegria, de paz, de amizade, de amor.

Durante os três dias viveram diversas experiências que os levaram a um encontro com eles próprios, com Jesus Cristo e com os outros que são seus irmãos.

No encontro consigo, foi-lhes apresentado todo o plano de felicidade que todos procuram e o caminho para o atingir.

O encontro com Jesus Cristo, levou-os ao encontro do tema deste Convívio “Formamos um só corpo em Cristo Jesus todos os que comemos o mesmo pão”.

Na realidade a Igreja somos todos os que recebemos o Baptismo e isso fê-los perceber que todos somos úteis e importantes na Igreja.

Por isso devemos funcionar como membros de um corpo tendo Cristo como cabeça.

No encontro com os outros, foram convidados a reflectir sobre o seu papel na Igreja e a sua missão. Levar os participantes a ter uma atitude de entrega a Deus e aos irmãos no serviço que cada um pode desempenhar enquanto co-responsável na Igreja de Cristo.

Todos os jovens que experimentaram este encontro, olharam para Cristo, sobretudo para a Eucaristia como o centro da sua vida e perceberam que a felicidade verdadeira está em servir a Deus e aos Irmãos.

E interpelados pelo projecto sedutor de Cristo que os ama e os quer felizes e unidos a Ele e aos irmãos, sentiram-se realmente parte do mesmo corpo.

E agora, “vão p’lo mundo mostrar a Sua herança”, vão “levar Cristo a toda a gente” e vão testemunhar com a Sua vida que todos os que comemos o pão da Eucaristia, estamos unidos e fortalecidos para a nossa caminhada para Deus, sempre com os olhos nos irmãos especialmente nos mais pobres.

Moçambique

PARAR PARA REFLECTIR

Na noite do dia 12 de Janeiro de 2002, começou o convívio fraterno 854, o primeiro em Moçambique; entre luzes e sombras conseguiu-se realizar 12 convívios para jovens e dois para casais, volvidos 8 anos de vida do Movimento, torna-se necessário fazer uma reflexão sobre a vida e o futuro do Movimento em Moçambique. Por isso, propõe-se as questões abaixo para que possam servir de modelo para a reflexão.

1. A Nível espiritual

Como deve ser a vivência espiritual dos convivas em Moçambique? No que concerne a:

- Realização dos Convívios Fraternos (curso com duração de três dias).
- Post-convívios (os quatro encontros depois do curso).
- Convívios-Animação.
- Encontros de oração.
- Como manter viva a vida espiritual depois do convívio.

2 A Nível da Formação

- Organização da formação dos novos coor-

denadores.

- Formação de todos os convivas a nível paroquial ou das zonas pastorais.
- Como ajudar o conviva a ter a cultivar a sua formação humana.

3. Aspectos Relativos a Organização do Movimento

- Local onde se pode ter como referência para o funcionamento do Movimento.
- Local de realização dos convívios fraternos.
- Organização da coordenação geral em Moçambique.

4. Aspectos relacionados com sustentabilidade do Movimento

- Fundo para a realização dos convívios, encontros de formação humana, etc.
- Como conseguir outros fundos.

Estas questões servirão de base para a reflexão para a assembleia dos coordenadores do Movimento no Seminário “Cristo Rei” – Matola, no dia 5 de Setembro.

Bragança

VASOS DE BARRO



Convívio-Fraterno n.º 1130 da diocese de Bragança

Foi no dia 30 de Julho à noite, após um dia de calor abrasador, que se deu início ao Convívio Fraterno número 1130 na diocese de Bragança. Como um grito de revolta perante uma sociedade sem claros ideais, mergulhada no relativismo que turva a visão das pessoas e de um nihilismo que esvazia o âmago do coração humano, tentando abafar o genuíno caminho de felicidade que Jesus Cristo veio propor, 42 jovens aceitaram viver três dias diferentes. Mais que um mero número, o Convívio Fraterno 1130 tornou-se um marco indelével no coração destes jovens que deixaram o conforto das suas fêrias para abraçar um projecto de verdadeira felicidade: o encontro com Jesus Cristo.

Todo o jovem tem, no seu interior, uma profunda vontade de ser feliz, e procura incessantemente algo que a possa satisfazer. A sociedade apressa-se a desenhar caminhos de ilusão que paradoxalmente culminam sempre em vazio e desilusão, pois só o Amor de Jesus Cristo pode transformar a fragilidade humana em felicidade. A fragilidade inerente ao ser humano, representada pela metáfora dos vasos de barro, pode ser motivo de glória, pois Deus serve-se da nossa humildade de simples vasos de barro para em nós colocar o mais belo perfume de todos: o perfume da santidade que conduz à verdadeira felicidade! Feitos de barro, um material semelhante ao pó da terra, podemos ser algo muito valioso se nos deixarmos moldar pelas mãos de Deus. E na nossa fragilidade, se o nosso vaso de barro se quebrar, sabemos sempre que Deus, o melhor Oleiro de todos, estará sempre de braços abertos e com um grande sorriso à espera que lhe apresentemos com sinceridade os pedaços da nossa fraqueza humana, para que Ele o possa reconstruir e renovar. Foi este Deus maravilhoso que nos ama infinitamente e que quer a nossa plena felicidade que os jovens descobriram nesta experiência tão profunda, cativante e desafiante que foi este Convívio Fraterno.

A alegria desta experiência tão magnífica transbordou na festa de encerramento que se realizou no dia 2 de Agosto, na paróquia do Santo Condestável, em Bragança, pelas 21:00. No recinto paroquial ao ar livre, e perante a presença de muitos convivas, amigos, familiares, os jovens que participaram neste Convívio Fraterno puderam partilhar a alegria do seu encontro com Jesus Cristo. Os seus testemunhos, pela sua intensidade e profundidade, emocionaram as pessoas presentes e constituíram também uma motivação acrescida para a continuação neste verdadeiro caminho de felicidade que é Jesus Cristo. Muito reconfortante foi também a presença de muitos sacerdotes que colaboram com o movimento dos Convívios Fraternos na nossa diocese e do nosso muito estimado Bispo da diocese de Bragança-Miranda, Sua Ex.ª Rev. D. António Montes Moreira, que com a sua presença serena, profunda e amiga, continua a acompanhar-nos e a entusiasmar-nos neste ideal de levar Jesus Cristo a todo o mundo.

A festa terminou na Igreja do Santo Condestável, com a grande e verdadeira festa do amor e do perdão que é a Eucaristia, centro da vida de todo o cristão, e também centro deste Movimento. Ao som de maviolos cânticos, louvamos o Senhor por todas as abundantes graças que derramou sobre todos nós, simples vasos de barro, nestes três dias tão especiais, pela Sua presença viva e salvadora na Sagrada Eucaristia, e pelo seu Amor infinito pela juventude.

Que o Espírito Santo continue a inspirar cada vez mais jovens a ir ao encontro de Jesus Cristo, para que possam fazer d’Ele o motivo de alegria mais profunda da sua vida, encontrando n’Ele a resposta à sua sede de felicidade e infinito, e a fortaleza que transforma simples vasos de barro em recipientes do maior tesouro: o Amor de Deus!!

Pelo Secretariado dos Convívios Fraternos da Diocese de Bragança Miranda

O MEU PASSADO

O passado é o meu algoz, não me permite o regresso, mas o presente levanta generosamente o meu semblante descaído e faz-me ver que não posso mudar o que fui, mas posso construir o que serei.

Podem chamar-me louco, psicótico, maluco, não importa. O que importa é que, como todo o mortal, um dia irei terminar o espectáculo da existência no pequeno palco de um túmulo, diante de uma plateia em lágrimas, esperando mergulhar na imensidade da eternidade.

Se eu pudesse voltar atrás no tempo, iria procurar os meus amigos da juventude. Onde estão?

Quem está vivo? Iria procurá-los e revivia as experiências singelas colhidas no jardim da simplicidade, onde não existiam as ervas daninhas do estatuto nem a sedução do poder financeiro.

Se eu pudesse voltar atrás, faria mais telefonemas para a mulher da minha vida nos intervalos das reu-

niões. Procuraria ser um profissional mais cumpridor e um amante mais intenso.

Seria mais bem-humorado e menos pragmático, menos lógico e mais romântico. Escreveria poesias tolas de amor. Diria mais vezes “eu amo-te!”, a quem me ama, seria menos egoísta e abrir-me-ia ao amor dos outros!...

-Ah se eu pudesse voltar atrás nas asas do tempo!

Bejaria mais os meus filhos, brincaria muito mais, desfrutaria da sua infância como a terra seca absorve a água. Sairia para a rua em dias de chuva com eles, andaria descalço na terra, subiria às árvores. Teria menos medo que se ferissem e que adoecessem e mais medo de que se contaminassem com o sistema social. Seria mais livre no presente e menos escravo do futuro.

José João Alves

DIÁLOGO ENTRE TODOS OS CRENTES

Que toda a tendência para o fundamentalismo e o extremismo seja contraposta pelo respeito, pela tolerância e pelo diálogo entre todos os crentes.

Entende-se por *fundamentalismo* a observância estrita dos princípios fundamentais de um grupo ou organização. No campo religioso, o fundamentalismo considera os seus dogmas como verdade absoluta e indiscutível, fechando-se, assim, o diálogo com quem tem outra crença. O fundamentalismo procura, além disto, impor as suas ideias a outros grupos, inclusivamente pela força.

Chama-se *extremismo* à acção fanática de indivíduos ou grupos que se radicalizam. Há grupos religiosos que usam métodos extremistas, leia-se violência, para promover a obediência às suas doutrinas.

O extremismo e o fundamentalismo facilmente desembocam no *terrorismo* com as suas ameaças e acções criminosas, que levam a ansiedade e a insegurança a populações inteiras em várias partes do mundo.

Assim descrevia o terrorismo o Papa João Paulo II, na sua *Mensagem de Paz* (2002): «Quem mata, com actos terroristas, cultiva sentimentos de desprezo pela humanidade, manifestando desespero pela vida e pelo futuro: nesta perspectiva, tudo pode ser odiado e destruído».

O fenómeno do extremismo e do fundamentalismo parece não ter diminuído; parece até ter aumentado nos últimos anos.

Lamentavelmente, nem todos usam o nome de Deus como um nome de paz. Multiplicam-se até os exemplos daqueles que usam o seu nome para destruir e matar. É claro que a religião não é a causa nem a verdadeira inspiração para a violência; ela é, antes, a desculpa de que muitos se servem para reivindicar outras posições ou para denunciar injustiças ou defeitos do sistema.

O fundamentalismo que se vale do nome de Deus para justificar as suas acções violentas significa, em última análise, *desprezo pelo próprio Deus*. Com efeito, na sua base, existe a falsificação da verdade absoluta de Deus. Ele desfigura a face amorosa e misericordiosa de Deus, substituindo-O por ídolos feitos à própria imagem.

Só o respeito e a tolerância entre os crentes das várias religiões podem conduzir a uma *verdadeira paz*.

Como afirmou o Concílio Vaticano II, a humanidade não conseguirá «construir um mundo mais

humano para todos os homens, a não ser que todos se orientem com espírito renovado para a verdade da paz» (GS 77), uma paz que não pode ser reduzida à simples ausência de conflitos armados, mas tem de ser entendida como «um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana», uma ordem «que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça» (GS 78).

A paz deve traduzir-se na convivência dos diversos cidadãos numa sociedade governada pela justiça, na qual se realiza, também, o bem de cada um deles. A verdade da paz convida todos a cultivar relações fecundas e sinceras, estimula a procurar e a percorrer os caminhos do perdão e da reconciliação.

A paz é, no fundo, anseio irreprimível presente no coração de cada pessoa, independentemente das suas identidades culturais e religiosas específicas. Por isso mesmo, cada um deve colocar-se ao serviço de um bem tão precioso, trabalhando para que não se insinue qualquer forma de falsidade que venha contaminar a verdadeira convivência.

Todos os homens pertencem a *uma única família*. A exaltação excessiva das próprias diferenças contrasta com esta verdade basilar. É preciso recuperar a consciência de estarmos immanados num mesmo e, em última análise, transcendente destino, para que se possam valorizar da melhor maneira as próprias diferenças históricas, culturais e religiosas sem as contrapor, mas antes harmonizando-as com as que pertencem a outras culturas e credos.

São estas verdades simples que tornam possível a paz e que são facilmente compreensíveis quando se escuta o próprio coração com pureza de intenção.

Deus é um Pai amoroso que deseja ver os seus filhos reconhecerem-se mutuamente como irmãos. Ele é fonte inesgotável da esperança que dá sentido à vida pessoal e colectiva. Deus, e só Ele, torna eficaz qualquer obra de bem e de paz. Deus é, inseparavelmente, verdade e amor e leva o homem a consagrar-se ao serviço da paz numa ampla colaboração ecuménica com as outras religiões e com todos os homens de boa vontade.

Oremos com o Papa para que, no nosso mundo, possa prevalecer o entendimento e não o enfrentamento. Que sejamos capazes de construir a paz, apoiada no respeito, a tolerância e o diálogo.

António Coelho, s.j.

TESTEMUNHAS DO AMOR DE DEUS

Que os cristãos perseguidos por causa do Evangelho, inspirados pelo Espírito Santo, perseverem no fiel testemunho do amor de Deus por toda a humanidade.

Como todos sabemos, existem em várias nações perseguições e inclusivamente assassinatos de cristãos. Estas perseguições incluem, por vezes, a destruição de igrejas e outras formas de violência que levam os cristãos, em muitos casos, a ter que fugir para outros lugares ou até outros países.

Existem também outras formas de violência menos visíveis, mas que limitam a livre expressão da fé. Referimo-nos às dificuldades vividas nas sociedades modernas, marcadas pelo secularismo. Nestas sociedades, os cristãos são incompreendidos e escarnecidos por muitos que se riem da religião. Tudo isto impede ou dificulta professar, pública e livremente, as próprias convicções religiosas.

Existem também regimes que impõem uma única religião, enquanto outros alimentam não tanto uma perseguição violenta mas um desrespeito sistemático em relação às crenças religiosas. Em todas estas situações, é posto de lado um direito humano funda-

mental, com graves consequências para a convivência pacífica. Este direito é constituído pelo *respeito da liberdade religiosa de cada um*.

Os cristãos, sobretudo em certas situações mais graves, necessitam grandemente da força do Espírito Santo, que lhes permita resistir a tantas perseguições, em certos casos sumamente violentas, exercidas contra eles.

Felizmente, podemos ver como muitos cristãos mostram esta força incutida pelo Espírito Santo, perseverando na vivência da sua fé, apesar de todas as incompreensões e ataques.

São eles as grandes *testemunhas do amor de Deus* por toda a humanidade. É este amor que eles manifestam ao perdoar aqueles que os perseguem e matam, à imitação de Jesus Cristo, que rezou pelos seus algozes. Isto constitui o mais eloquente e credível testemunho que um cristão pode dar desse amor de Deus.

Rezemos para que o Espírito Santo continue a incutir nos nossos irmãos perseguidos a sua força, que lhes permita continuar a dar o testemunho da sua fé.

António Coelho, s.j.

PASSO A REZAR NA NET

WWW.PASSO-A-REZAR.NET



Convidados que somos a viver mais um Verão, mais umas merecidas férias, nada melhor do que arranjarmos formas de fazermos algo de diferente. Assim, sugere-se uma visita ao sítio criado no dia 17 de Fevereiro, pelo Apostolado da Oração, que se denomina “passo-a-rezar.net”. É um projecto inspirado no sítio pray-as-you-go, concebido pelos Jesuítas Ingleses, e que pretende “chegar à cultura da vida daqueles que rezam todos os dias e que, no encontro com Jesus Cristo, ganham força para transformar o mundo”. “in, Agência Ecclesia”.

Em que consiste, então? Consiste na disponibilização de um ficheiro gratuito em formato de áudio, que pode ser guardado no computador e depois repartido pelo email, leitor de música digital, pen drive, auto rádio, telemóvel, etc. Esta oração pode ser “transportada” para onde quer que se desloque. É uma forma interessante de utilizar as

novas tecnologias ao serviço da evangelização.

Este ficheiro é constituído por uma prece diária, com uma duração de cerca de 10 a 12 minutos, com música de fundo, com uma leitura, normalmente o evangelho do dia e com momentos de oração inspirados na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola. Está disponível na página e em condições de ser “copiado” para ser reproduzido. Como já se afirmou, também pode ser reproduzido directamente no computador.

Conforme explicou o jesuíta Francisco Martins à Agência Ecclesia, caso se pretenda automatizar a descarga regular das orações diárias, basta efectuar a subscrição do podcast, que “em vez de irmos ao sítio buscar um ficheiro diária ou semanalmente, pode-se deixar o dispositivo de podcast (software) fazê-lo automaticamente”.

“Que este Deus que é próximo se faça realmente próximo”: este o principal objectivo do site *passo-a-rezar.net* e tenta conciliar a oração pessoal com as novas tecnologias. “Deus não está só nas igrejas” e “o lugar sagrado é o espaço que habitamos” afirmou o jesuíta acima citado.

Pode-se consultar directamente em www.youtube.com a promoção do projecto pesquisando *passo-a-rezar.net* ou então procurando directamente <http://www.youtube.com/watch?v=1sBOf1WIp3Y>.

Boas férias.

Carlos Matos
(CF 492)

A HUMANIDADE E AS REDES SOCIAIS

O expoente máximo da amizade virtual é o caso das redes sociais, como por exemplo, do facebook e do hi5 muito na moda, em que as pessoas colecionam amigos virtuais como quem colecionava há uns anos atrás uma caderneta de cromos. A rede social vicia mas não dá oportunidade ao compromisso, ao contacto pessoal que muda as vidas. Só existe amizade se existir comprometimento entre as pessoas envolvidas na relação. Só poderá haver amizade, uma verdadeira rede social, se as pessoas semearem a sua vida nas vidas dos outros. As redes sociais são interessantes e até importantes para muitas funções, como por exemplo, divulgação de informação e transmissão de ideias, mas dificilmente servirá para construir verdadeiras amizades.

O que vemos socialmente é muita indiferença perante os outros. Os verbos conjugam-se apenas na primeira pessoa, Eu... Eu... Eu... E esquecem-se do tu, do ele, do nós, do vós e deles e delas... Na escola os alunos, podem vir para as aulas sem os livros e sem a pasta, mas estão sempre com o telemóvel e

disponíveis para actualizar e postarem no hi5 e no facebook, sempre em rede com muitos amigos mas depois nos intervalos e nas ruas andam sozinhos ou com os telemóveis e quando conversam ou tentam comunicar realmente deixando a alienação do virtual, normalmente não sabem comunicar, e infelizmente têm um problema grave de hiper desenvolvimento do polegar para as SMS, mas o sistema auditivo está muito sensível para a música, mas muito atrofiado para ouvir a voz humana que tenta comunicar olhos nos olhos. Normalmente uma incapacidade muito grande para ouvir, escutar, fazer silêncio e ver o outro com a sua diferença à sua frente. Verifica-se que prestamos muita mais atenção à aldeia global e ao fenómeno da globalização e esquecemos por vezes a dimensão humana do encontro com aquele que conosco vive ou cruza o caminho, que preenche a alma e possibilita o diálogo personalizante que muda as vidas e enaltece o ser humano na sua dignidade de filho de Deus.

António Silva

A PAZ!...

O mundo mudou bastante nos últimos 50 anos. Dentro desta mudança encontra-se um ganho a rápida comunicação entre as pessoas no globo terrestre. Os países podem contribuir grandemente para criar um mundo melhor. Vimos por exemplo como a união de esforços conseguiu acabar com a guerra fria, com a grande divisão na Europa, entre países socialistas e capitalistas. Nos países africanos e asiáticos, terminou o jugo da colonização política, embora os mesmos países continuem reféns das economias europeias. A condição social da mulher melhorou de modo considerável, no entanto ainda pode ser melhor do que a actual.

A par dos bons acontecimentos, o nosso mundo

deve ainda dar passos melhores, pois cresce uma assimetria entre o Norte e o Sul, no seio dos países em desenvolvimento, a diferença entre ricos e pobres torna-se cada vez mais considerável, o abuso contra os direitos humanos, o tráfico de pessoas humanas entre vários países, as embuscadas feitas pelos piratas do mar; no continente africano, crescem os conflitos nos vários países em particular na região dos Grandes Lagos.

Os problemas que o mundo enfrenta hoje estão relacionados com o respeito pelo valor da vida humana, a estima pelo outro, a distribuição da riqueza, o valorizar mais o ter do que o ser; são problemas que clamam por uma resposta mais profunda não de

cunho político, económico, social muito menos das filosofias em voga no nosso meio, só uma resposta que brota dos anseios mais profundos do ser humano pode ajudar o homem a alcançar uma solução que valorize o homem. Esta resposta brota da mensagem de Cristo, pois Ele é o Príncipe da paz.

Só uma paz que venha do Príncipe da paz pode ajudar a comunidade humana a viver em harmonia. Vejamos como a humanidade caminha hoje por ter “expulsado” Deus da sua vida, como é que pode

acabar-se com os conflitos se não queremos escutar a o apelo do Príncipe da paz? Com efeito, Cristo ressuscitado transmitiu esta paz a Igreja, como pode o mundo viver uma verdadeira paz enquanto teimar em lutar para destruir a Igreja com argumentos *ad homini*, como atacar a imagem dos pastores da Igreja ou da própria Igreja como instituição?

Chico cf. 854
Maputo

NÃO DESPERDIÇAR TEMPO VALIOSO

Eis que mediste os meus dias a palmos; o tempo da minha vida é como que nada diante de ti. Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é totalmente vaidade. (salmo 39:5)

Ora aqui está algo em que raramente meditamos e quase nunca temos consciência do quanto a nossa vida é passageira; se o tivéssemos talvez pensássemos duas vezes antes de jogar fora as oportunidades que temos de ser e de fazer os outros felizes.

Muitas “flores” são colhidas cedo demais. Algumas, mesmo ainda em botão.

Há sementes que nunca brotam e há aquelas flores que vivem a vida inteira até que, pétala por pétala, tranquilas, vividas, se entregam ao vento.

Mas não podemos adivinhar. Não sabemos por quanto tempo estaremos a “enfeitar” este Paraíso e também não sabemos por quanto tempo teremos aquelas flores que foram plantadas ao nosso redor.

E descuidamos. *Cuidamos pouco*. De nós, dos outros. Contristamo-nos por coisas pequenas e perdemos minutos e horas preciosos. Perdemos dias, às vezes anos.

Calamo-nos quando deveríamos falar; falamos demais quando deveríamos ficar em silêncio. Não damos o abraço que tanto nossa alma pede porque algo em nós impede essa aproximação. Não damos um beijo carinhoso ‘por-

que não estamos acostumados com isso’ e não dizemos que gostamos porque achamos que o outro sabe (no seu interior!...) o que sentimos. E passa a noite e chega o dia, o sol nasce e adormece e continuamos os mesmos, fechados em nós. Reclamamos do que não temos, ou achamos que não temos suficiente. Cobramos dos outros, da vida, de nós mesmos. Desgastamo-nos. Costumamos comparar nossas vidas com as daqueles que possuem mais do que nós. E se experimentássemos comparar com aqueles que possuem menos? Isso faria uma grande diferença...

E o tempo passa... Passamos pela vida, não vivemos. Sobrevivemos, porque não sabemos fazer outra coisa. Até que, subitamente, acordamos e olhamos pra trás. E então nos perguntamos: “E agora?”

Agora, hoje, ainda é tempo de reconstruir alguma coisa, de dar o abraço amigo, de dizer uma palavra carinhosa, de agradecer pelo que temos. Nunca se é velho demais ou jovem demais para amar, dizer uma palavra gentil ou fazer um gesto carinhoso.

Não podemos manter o olhar no passado! O que passou, passou. O que perdemos, perdemos – podemos aprender com essas experiências, mas não ficar agarrados a elas - Olhemos em frente!

Lu (CF 484)

AS AMEAÇAS DA VIDA HUMANA – “QUE FIZESTE”

1 - Se no passado Caim não conseguiu esquivar-se, também hoje, o mundo contemporâneo, não consegue fugir à mesma responsabilidade. Esta pergunta que continua a ser dirigida ao homem, deve alertar a consciência humana para os mais diversos atentados à vida e à história da humanidade, uma história carregada de ódio, violência, massacres, genocídios, fome, miséria, a difusão droga, a exploração sexual, o tráfico de crianças, a pedofilia, os desequilíbrios e as alterações ecológicas, o aborto e eutanásia...

2 - Sobre o aborto já nos pronunciamos, já afirmamos que, apesar de tudo, continua a ser um atentado à vida humana, e à pergunta “Que fizeste”, como Caim, não nos conseguimos esquivar! O mesmo se diga à vida em fase terminal, os atentados à fragilidade da vida são escrupulosamente, praticados. Tais atentados, no mundo contemporâneo, atingiram, em certa medida, uma consciência colectiva, a qual tende a perder o carácter de “crimes” para assumir, paradoxalmente, o carácter de “direitos”.

O Estado que tem por função governar aquele que cuida -, reconhece como legal a execução gratuita da vida humana por intermédio dos profissionais da saúde, atitude contrária ao código mais elementar destes técnicos, que é precisamente, não executar a vida, mas salvar a vida. Tais atentados ferem a vida humana nas situações em que ela mais precisa de cuidados. Porém, aqui a família, também tem muitas responsabilidades. Não

raras vezes, os atentados à vida humana, são consumados no seio e por obra da família, comportamento contrário aquilo a que, constitutivamente, a família está chamada a ser: “santuário de vida”.

3 - Apesar da comunicação social alertar para muitos dos crimes que referimos no primeiro ponto, no entanto, temos que admitir, que em relação às questões do aborto e da eutanásia, nem sempre actua com o devido distanciamento. Não raras vezes, são os media, o Estado, os políticos, organizações públicas e privadas, cúmplices de uma conjuntura favorável à cultura da morte, quando apresentam o aborto e a eutanásia como sinal de progresso, liberdade e desenvolvimento.

A pergunta “Que fizeste”, Caim respondeu: «Sou por ventura, guarda do meu irmão» (Gn 4,9). Sim, todo o homem tem o dever de cuidar do seu semelhante. Eu, tu, nós só existimos porque alguém nos amou, cuidou e nos acolheu com amor. Guardar o irmão trata-se de um grande dom do Criador. Pelo contrário, pensar a liberdade de maneira absolutista, ela se torna chave individualista e relativista, ficando esvaziado o conteúdo do amor e da dignidade da vida humana.

E porque assim ainda acontece, a sociedade tem como “príncipe do mundo”, Caim.

Carlos Costa Gomes
Teólogo e Doutoramento em Bioética
C.F. 132

VALORIZAR A VIDA E MISSÃO DAS MULHERES

«Que a vida e missão das mulheres sejam sempre mais apreciadas e valorizadas em todas as nações do mundo»

Sobre a mulher, o Cristianismo e a Igreja, não faltam mentiras destas, convenientes para certos grupos e cómodas para os adeptos do pensamento débil e das causas à flor da pele: o Cristianismo sempre discriminou e continua a discriminar as mulheres; a Igreja nega às mulheres o «direito» ao sacerdócio; o casamento é uma invenção cristã como instrumento de dominação das mulheres; as doutrinas da Igreja sobre a sexualidade perpetuam a dominação da mulher por parte do homem; a oposição da Igreja ao aborto é uma intromissão indevida na liberdade da mulher... Há para todos os gostos e raramente quem faz este tipo de afirmações se esforça por ir além do slogan – porque este é bem mais rentável e eficaz.

Os primeiros textos que se conhecem estabelecendo uma igualdade radical entre homem e mulher são bíblicos: o primeiro capítulo do Génesis, com o relato da criação do homem e da mulher, ambos «à imagem e semelhança de Deus» (1, 26-27); as Cartas de S. Paulo, que em diversas passagens estabelece a igualdade radical entre homem e mulher, em Cristo (cfr. Gálatas 3, 28); e, pelo meio, o extraordinário testemunho dos Evangelhos sobre o modo como Jesus

tratava as mulheres com quem Se relacionava, sem nenhum menosprezo ou inferiorização. As culturas onde floresceram tais intuições sobre a igualdade fundamental entre homem e mulher não assimilaram nem praticaram plenamente a revelação recebida? Sem dúvida – mas essa é uma lei da própria revelação e aplica-se a todos os aspectos da mesma. Também aí se vê quanto a presença do pecado e do poder do mal condiciona pessoas e culturas e atrasa, quando não impede, o acolhimento e a vivência da revelação. Isso não pode, porém, ofuscar o fundamental: as culturas marcadas pela tradição judaico-cristã – e sobretudo pela tradição cristã – enraizaram-se num solo que lhes permitiu, após longa e penosa maturação, pensar e levar à prática novas atitudes para com a mulher e o seu papel na sociedade. Noutras culturas, alheias a esta tradição, isso não aconteceu – e o resultado vê-se ainda hoje.

A discriminação das mulheres continua a ser uma realidade, entre nós e noutras paragens. Em alguns aspectos, é nas sociedades onde mais se afirma a igualdade da mulher que a sua dignidade

é mais violada: discriminação salarial; violência doméstica; assédio sexual; tráfico de mulheres para prostituição ou trabalho escravo; degradação moral e física por motivos económicos; comportamentos indelicados ou mesmo ofensivos... Tudo isto, nas nossas sociedades pretensamente libertadas de tabus, de ignorâncias e de constrangimentos impostos às mulheres. A acção do poder do mal no mundo passa também por aqui... e passa por aqui a necessidade urgente de conversão e mudança de vida. A sensibilidade individual e colectiva para estes temas tem aumentado muito entre nós – e muito progresso se fez, quer no âmbito das leis, quer no dos comportamentos. Muito há ainda a fazer – e não será fácil nem rápido. Importa, porém, não confundir os planos. Há extremismos, também nestas questões, cujas propostas degradam mais do que libertam a mulher: a anulação da diferença entre homem e mulher, reduzida a mero «acidente» biológico; a promoção do homossexualismo feminino como libertação face ao homem; a identificação da saúde reprodutiva da mulher

com o pretensão direito ao aborto a pedido; a banalização das relações afectivas, identificada com a libertação de tabus sexuais; a destruição da maternidade...

A valorização da vida e missão das mulheres não acontecerá como um facto isolado ou apenas como produto de leis justas – embora estas sejam necessárias, pois a vida em sociedade rege-se por leis. A valorização da vida e missão das mulheres é, em primeiro lugar, uma questão de valores. Estes implicam educação das inteligências e das vontades, mas não se reduzem a isso. Há um modo de ser homem e de ser mulher vivido, sobretudo, na família normalmente constituída, sem o qual a educação pode pouco. Esse modo de vida exprime-se em atitudes de respeito absoluto pela dignidade da pessoa, de cada pessoa. Onde encontrará cada um o fundamento desta dignidade, é questão em aberto. Por mim, não vejo nenhum mais fundo do que a afirmação bíblica citada antes: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Génesis 1, 27). Tudo o mais, é consequência desta radical e igual dignidade – e esta, primeiro vive-se, depois aprende-se e, espera-se, continuará a ser vivida.

Bento XVI
(De uma sua intenção mensal)



BENTO XVI E A JUVENTUDE PORTUGUESA

O Papa Bento XVI não é um jovem português. Não veste springfield nem usa sapatos de vela; não navega no twitter nem faz surf na Ericeira; não é do CDUP nem vibra com o Benfica; não é vegetariano nem forçado nas touradas; não liga nada à política nem tem um trauma com a matemática; não canta fado como a Carminho nem é alternativo como os “Flor Caveira”; não resiste a uma mini nem tem automóvel antes de ganhar dinheiro; não abriu um bar na Foz do Porto nem organiza despedidas de solteiros; não abandona a Igreja depois do Crisma nem se oferece para ir a Fátima com os avós; não é fan dos “Gato Fedorento” nem perdeu a pachorra para os “Morangos”; não se mete no “Andanças” nem é fan do “Rock in rio”; não andou nas “Belas artes” nem passa a vida na Gulbenkian; não fez Erasmus em Itália nem sonha com um MBA em Tóquio; não viveu nenhuma “queima das fitas” nem fez uma viagem de finalistas a Cuba, não foi voluntário em S. Tomé nem foi passar nenhuma Páscoa a Taizé; não fez nenhum empréstimo para pagar a primeira prestação da casa nem atrasou o casamento por falta de emprego estável.

O Papa Bento XVI não usa havaianas nem os jovens portugueses falam latim, embora ambos não prescindam das novas tecnologias e gostem de rezar com ipod. Que podem os jovens portugueses esperar do Papa não sendo ele um “papa jovem”? O Papa Bento XVI conhece as expectativas, ousadas e esperanças dos jovens portugueses? Que dirá o Papa aos jovens que querem construir a sua felicidade a partir de Cristo? Responderá o Papa ao desencanto da fé e à desilusão do mundo que tantos jovens experimentam? Que caminhos proporá Bento XVI aos que esperam por respostas mais discernidas e abrangentes para os dilemas das suas próprias existências? Que dirá o Papa aos jovens que, por alguma razão, quase sempre emocional, deixaram de confiar na Igreja e se afastaram da prática da fé? Que dirá o Papa a todos os que se fecharam ao diálogo e consideram a igreja católica uma instituição dispensável?

No programa da visita do Papa Bento XVI a Portugal não existiu um momento de encontro específico com a Juventude portuguesa. No entanto, milhares e milhares de jovens estiveram presentes em todos os momentos e celebrações da sua visita. O programa www.eu-acredito.net, impulsionado por jovens ligados a Schoenstatt, às Equipas de Jovens

de N. Senhora, aos Jesuítas (Cupav) e ao Patriarcado de Lisboa é revelador da expectativa e do empenho de uma ampla e variadíssima conjugação de jovens de inúmeras sensibilidades eclesiais que enriquecem e fazem a Igreja. E todos sabemos, de muitas outras iniciativas juvenis que acompanharam a visita do santo padre como passeios de bicicleta, debates e conferências, peregrinações a pé, até à grande vigília nocturna dos aliados no Porto coordenada pelos universitários do Creu-il, para além da presença nos



encontros do santo padre com o mundo da cultura e compromisso social.

O Papa falou aos portugueses? Rever-se-ão os mais jovens nas suas palavras e propostas? O que ele falou nos seus discursos e homilias é proposto como um caminho positivo que nos fará ousar viver a verdade a partir da caridade. É exactamente neste caminho de esperança que o Papa e os jovens portugueses coincidem. O Papa, com a sua belíssima idade e grande sabedoria converge com a juventude portuguesa que anseia por um novo fascínio por Deus e pela Sua liberdade. O nosso querido Papa Bento XVI não é um homem desiludido com a vida e desenquadrado do nosso tempo. Não é um vendedor de sonhos fáceis mas um promotor de vidas agradavel-

mente exigentes que buscam no discernimento mais caminhos do que soluções. Não é um homem fechado ao diálogo, nem ao progresso. Não é um castrador de novos pensamentos ou visões mas um sábio construtor de mundos com raízes. Não é um profeta da desgraça mas um construtor de pontes e um denunciador das injustiças. É um homem que tem os pés na terra, que conhece como ninguém a grandeza e os dramas da juventude do nosso tempo, a falência das respostas fáceis, assim como as aspirações mais

mento dos mais frágeis.

Houve lugar para surpresas? Estou convencido que sim. O actual papa é um homem de profundas convicções alicerçadas na sua profundidade intelectual. Mas Bento XVI tem-se revelado um visionário esperançado que sabe ler positivamente os sinais do tempo presente oferecendo propostas, inclusive institucionais, sem romper com a coerência do evangelho. As suas palavras, dirigidas a todos mas acolhidas como “pão para a boca” pela juventude portuguesa poderão, quais “pedras no charco” agitar as nossas elites artísticas, universitárias e culturais, os nossos políticos e todos os agentes sociais. É neste enquadramento que se poderá, inclusive, sonhar e estruturar uma pastoral da juventude alicerçada na erudição dos conteúdos cristãos mantendo a sua vivacidade e frescura.

Que podemos esperar? Acredito que o santo padre não disse aos portugueses apenas o que já disse noutras ocasiões, a saber, que “o cristianismo não é um conjunto de proibições, uma religião de “nãos”; que “é justa a aspiração à liberdade e felicidade de cada jovem ainda que misturada de inquietude”; que “é importante perder os medos e dar tudo a Cristo porque Ele não tira nada a ninguém mas dá tudo”; que “é preciso recuperar a experiência vibrante do diálogo com Deus, de lhe abrir o coração, de confiar, de criar laços eternos de amizade”; que “somos chamados à santidade” e que o podemos ser em todas as vocações laicais, religiosas e sacerdotais; que “a vida não se joga fora porque Deus tem um projecto para cada um”; que “discernir a verdade e centrar a vida em si mesmo é uma armadilha total”; que é fatal cairmos nos abismos da droga, do sexo descartável, da obsessão do dinheiro ou do prestígio; Que a família é o matrimónio são “património da humanidade”; que temos que aliar a fé à cultura e à justiça; que Deus tem sentido de humor, etc.

O Papa não desiludiu a juventude portuguesa. Ele veio para suscitar sonhos em nós. Ele sabe que só o amor é digno de fé e conhece os caminhos da verdade que podem conduzir a juventude, na valentia das decisões definitivas à prática da caridade.

*P. Carlos Carneiro sj,
coordenador da pastoral juvenil dos Jesuítas*

«O MUNDO PRECISA DA CRUZ», AFIRMA BENTO XVI

Bento XVI recordou a narrativa bíblica que pretende explicar a entrada do mal na vida humana: “Adão abandonou a confiança filial em Deus e pecou, comendo o fruto da única árvore do jardim que lhe era proibida”, e agora “só Deus” pode libertar

o homem da escravidão moral e física causada por aquela desobediência.

O “sofrimento e a morte, que eram consequência do pecado, tornaram-se eles mesmos o meio através do qual o pecado foi derrotado”, sublinhou Bento XVI ao referir-se à agonia física, psicológica e espiritual de Jesus perante a iminência da morte.

“Por isso – prosseguiu o Papa – a cruz é algo de maior e mais misterioso do que à primeira vista pode parecer. É sem dúvida um instrumento de tortura”, mas ao mesmo tempo exprime a vitória definitiva sobre esse mal, tomando-a “no símbolo mais eloquente da esperança que o mundo jamais havia visto”.

Relevância da cruz na sociedade contemporânea

Para Bento XVI, o significado da cruz “fala a todos aqueles que sofrem – os oprimidos, os doentes, os pobres, os marginalizados, as vítimas da violência e oferece-lhes a esperança de que Deus pode transformar o seu sofrimento em alegria, o seu isolamento em comunhão, a sua morte em vida. Oferece esperança sem limites ao nosso mundo decaído”.

É por estes motivos que o mundo “precisa da

cruz”, que “não é simplesmente um símbolo privado de devoção, não é um distintivo da pertença a qualquer grupo no interior da sociedade” e “o seu significado mais profundo não tem nada a ver com a imposição forçada de um credo ou de uma filosofia”.

“Um mundo sem cruz seria um mundo sem esperança, um mundo no qual a tortura e a brutalidade permaneceriam desenfreados, os frágeis seriam explorados e a avidez teria a última palavra”.

Apelos às comunidades católicas no Médio Oriente

Bento XVI dirigiu-se aos padres, religiosos e catequistas presentes na missa, salientando que a mensagem da cruz foi confiada à Igreja para que ela possa “oferecer esperança ao mundo”.

“Quando proclamamos Cristo crucificado, não nos proclamamos a nós próprios, mas a ele”, afirmou, acrescentando: “Não ofereçamos a nossa sabedoria ao mundo, não falemos dos nossos próprios méritos”, mas do seu “amor”, sabendo “ser simplesmente vasos feitos de argila”.

“Não cessemos de reconhecer a nossa indignidade, mas ao mesmo tempo esforcemo-nos sempre

para nos tomarmos menos indignos do nosso nobre chamamento, de forma a não enfraquecer mediante os nossos erros e as nossas quedas a credibilidade do nosso testemunho”, pediu o Papa.

Bento XVI lembrou os sofrimentos e dificuldades vividos pelo clero e consagrados: “No meu pensamento e na minha oração recordo-me de modo especial dos muitos sacerdotes e religiosos do Médio Oriente que experimentam neste momento um chamamento particular a conformar a própria vida ao mistério da cruz do Senhor”.

“Onde os cristãos são a minoria, onde sofrem privações por causa das tensões étnicas e religiosas, muitas famílias tomam a decisão de partir e muitos pastores também são tentados a fazer o mesmo”, constatou o Papa, que pediu ao clero e aos consagrados para permanecerem nas suas comunidades.

Os sacerdotes e paróquias que continuam a dar testemunho de Cristo são “um sinal extraordinário de esperança, não só para os cristãos, mas também para quantos vivem na região” e a sua presença é uma “expressão eloquente do Evangelho da paz” e do empenho da Igreja “no diálogo, na reconciliação e na aceitação amorosa do outro”.

BALADA DA UNIÃO

3720 Cucujães
TAXA PAGA

Propriedade Editorial e Administração:
Convívios-Fraternos
N.I.P.C. 503298689
Telef.: 234 884474 Fax 234 880904

Director e Redactor:
P. VALENTE DE MATOS

Depósito Legal: 634/82 - Nº de Registo: 108164

Este jornal encontra-se em www.conviviosfraternos.com

CORRESPONDÊNCIA
Apartado 12 - 3860-130 AVANCA
convivios_fraternos@hotmail.com cf@porto.ucp.pt